

# Memórias de uma noite febril: fantasmas de uma ditadura omitida em *Nocturno en Chile*, de Roberto Bolaño

## *Memories of a Feverish Night: Ghosts from an Omitted Dictatorship in Nocturno en Chile, by Roberto Bolaño*

**Evandro Figueiredo Candido**

Universidade Federal de Minas Gerais  
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR  
evan.candido9@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8357-0401>

**Resumo:** Este artigo destaca, em *Nocturno do Chile*, de Roberto Bolaño, o conceito de “ridículo espantoso”, e como este coloca em xeque a memória e o testemunho, quando são fundamentais em um cenário ditatorial. O romance é uma forma de revisão do passado, novas possibilidades interpretativas para a história e, ao mesmo tempo, uma provocação para o presente, recordando a permanência das omissões cotidianas. Enquanto o ridículo diz respeito à duplicidade (um homem de letras omisso diante das violências de Estado), o “espantoso” se refere ao pano de fundo de horror, marcado por mortes, torturas e desaparecimentos dos sujeitos. Para esta análise, utiliza-se o aporte teórico de Grínor Rojo (2016), com a ideia de “ridículo espantoso”. Quanto à ideia de objetividade da história, observa-se Nietzsche (1983) e Jacques Le Goff (2003). Por fim, sobre memória e testemunho, lança-se mão de Seligmann-Silva (2003), Gagnebin (2006), Beatriz Sarlo (2007) e Todorov (2008).

**Palavras-chave:** ditadura; Chile; Bolaño; memória; testemunho; omissão.

**Abstract:** This article highlights, in *Nocturno en Chile*, by Roberto Bolaño, the concept of astonishing ridiculousness and how it undermines the memory and the testimony when they are fundamental in a dictatorial scenario. The novel is a manner to review the past, new possibilities of interpretation of history as well as a provocation to the present time, reminding the permanence of daily omissions. While the ridiculousness refers to the duplicity (an omissive man of letters besides violences of State), the astonishing refers to a background of horror, marked by deaths, tortures and disappearing of people. For this analysis, we employ, as theoretical base, Grínor Rojo (2016). His ideas explain the concept of “astonishing ridiculousness”. Considering the idea of objectivity in history, we observe Nietzsche (1983) and Jacques Le Goff (2003). Lastly, referring to the memory and testimony, we use Seligmann-Silva (2003), Jeanne Marie Gagnebin (2006), Beatriz Sarlo (2007) and Todorov (2008).

**Keywords:** dictatorship; Chile; Bolaño; memory; testimony; omission.



## Introdução

O ano de 2023 marcou o cinquentenário do onze de setembro chileno, data de deflagração de uma das mais violentas ditaduras da América Latina. O ano foi também marco dos setenta anos de nascimento e vinte de morte do escritor Roberto Bolaño. Nascido em 1953 no Chile, Roberto Bolaño passou a adolescência no México. No início dos anos 1970, apoiou o governo de Salvador Allende. Sua vasta produção discute o cenário político e literário da geração à qual pertenceu, provocando ainda reações frente aos desafios atuais. Entre suas obras, destacam-se: *Nocturno do Chile*, *Chamadas telefônicas*, *O espírito da ficção científica*, *A literatura nazista na América*, dentre outras. Os marcos referidos são também um chamado à reflexão acerca da produção literária do autor no cenário conturbado da ditadura, na segunda metade do século XX.

Este artigo tem como foco o romance *Nocturno do Chile*, publicado no ano 2000. Centra-se na noção de “ridículo espantoso”, aprofundada e analisada por Grínor Rojo (2016), e como esta coloca em xeque a memória e o testemunho em um cenário de violência de Estado. Ao mesmo tempo, a obra constitui-se em uma forma de se repensar a história, sobretudo no que concerne aos silenciamentos diante do horror.

*Nocturno do Chile* (2000) traz as memórias do padre Sebastián Urrutia Lacroix sobre sua trajetória pautada por silenciamentos em um contexto opressivo e ditatorial. Com isso, ele procura justificar omissões durante a ditadura chilena, entrelaçando sua trajetória particular à história do país. Suas memórias emergem no início dos anos 2000, em um cenário pós-ditadura, no qual Sebastián, em uma noite de febre alta, se mostra atormentado por um passado anteriormente silenciado.

Para esta análise, toma-se como base um ensaio intitulado: “El ridículo espantoso (además de chileno) en *Nocturno de Chile*”, de Grínor Rojo. O termo “ridículo espantoso” é referido por Roberto Bolaño em uma entrevista dada no ano 2000 a respeito de sua própria obra. Além do termo, Bolaño acrescenta que se trata de uma estética da “maneira chilena” (Bolaño, 2000 *apud* Rojo, 2016, p. 170).

De fato, os autores não têm a última palavra sobre suas próprias obras. Do contrário, estaríamos diante de uma obsessão pela verdade, impossibilitando quaisquer releituras. Apesar disso, Rojo (2016) destaca a relevância das palavras dos autores para possíveis explicações acerca de suas produções. O artigo referido se desenvolve a partir do comentário de Bolaño em uma entrevista a propósito de *Nocturno de Chile*, no qual o escritor traz exatamente os termos “ridículo” e “espantoso”. Nesse sentido, o espaço estético do livro não se constitui em um extremo aristotélico do trágico, mas sim no aristofânico do cômico. No fundo, é essa a tônica de toda a produção de Bolaño, marcada pela ironia e pela sátira (Rojo, 2016).

*Nocturno de Chile* (2000) é uma narrativa em primeira pessoa construída em dois parágrafos. O primeiro traz a trajetória do padre Sebastián Urrutia, homem de letras inserido na elite de seu país, na segunda metade do século XX. Intelectual e crítico literário, sua vida coincide com a ditadura chilena. Há um contato muito próximo com figuras de poder, como Pinochet e seus agentes. O narrador se encontra em uma posição privilegiada, como grande expoente da crítica literária de seu país, um conforto do qual ele não deseja se afastar.

Para a análise de *Nocturno do Chile* à luz das perspectivas referidas, este artigo se volta, em um primeiro momento, para as reflexões sobre a pertinência da memória e do testemunho em tempos de exceção. Para tanto, traz como aporte teórico Gagnebin (2006), Seligmann-Silva

(2003), Tzvetan Todorov (2008) e Beatriz Sarlo (2007). Buscando interfaces com a história, retomam-se análises de Le Goff, em *A história nova* (2005) e *História e memória* (2003). No que tange à pretensa objetividade dos estudos históricos, consideram-se as reflexões de Nietzsche, em “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” (1983). Em seguida, observa-se, a partir da análise de Grínor Rojo (2016), a ideia do “ridículo espantoso” de *Noturno do Chile*, no qual figuram omissões do narrador em um pano de fundo opressivo.

Da mesma forma que houve testemunhos contundentes a respeito do horror, houve também silenciamentos que colocam em xeque a memória e as possíveis revisões da história. Nesse sentido, para a memória e o testemunho, a narrativa de Bolaño é um alerta lançado ao presente, pois o silenciamento das memórias dificultam o processo de construção democrática.

## Memória, história e testemunho no século XX

O ato de lembrar nunca teve tanta relevância quanto no século XX. Seja nos horrores da *shoah*, seja nas mais diversas ditaduras latino-americanas, memória e testemunho ganharam o estatuto de dever, no sentido de se falar sobre o ocorrido com vistas a não repeti-lo. No caso argentino, por exemplo, Beatriz Sarlo (2007) destaca que testemunho de sujeitos sobreviventes permitiu a condenação do terrorismo de Estado: “a ideia do ‘nunca mais’ se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita” (Sarlo, 2007, p. 20). Seguindo o mesmo viés, Renato Franco (2003), analisando o cenário latino-americano, destaca o ato de lembrar como um instrumento de luta contra a repetição da catástrofe.

Partindo do mesmo princípio, Jeanne Marie Gagnebin (2006) ressalta, frente à catástrofe de Auschwitz, a edificação de uma ética histórica. Seu fundamento é um dever de resistência e um combate ao esquecimento, tão desejado, inclusive, pelos próprios agentes ditatoriais.

Essa perspectiva é reforçada por Tzvetan Todorov, em *Los abusos de la memoria* (2008), segundo o qual houve uma tendência, por parte dos regimes autoritários do século XX, de suprimir ou controlar as memórias. Por isso, elas passaram a ser valorizadas pelos que combatiam as ditaduras e violências de estado. Nesse sentido, toda reminiscência, por mais humilde, foi associada à resistência ao autoritarismo (Todorov, 2008, p. 14).

Por sua vez, a ideia de história esteve, por muito tempo, atrelada ao poder. Em *A memória, a história, o esquecimento* (2007), Paul Ricoeur argumenta contra a pretensão totalizante da interpretação em História (aqui, o h maiúsculo diz respeito às produções historiográficas). Ao longo do tempo, e sobretudo no século XIX, a ideia de história como “narrativa” e “ciência” absorveu sua noção como fluir do tempo ou coletivo singular. Assim, o termo *história* passa a exibir um teor realista, e o historiador se voltou para a “veracidade” dos fatos com base na confiabilidade dos documentos. A todo momento, há um manejo da suspeita, na qual um documento analisado é sempre posto à prova, no sentido de se estabelecer seu grau de confiabilidade.

Em “Da utilidade e desvantagem da história para a vida” (1983), Nietzsche, em texto originalmente publicado em 1874, traz uma crítica contundente à história como produção objetiva e posta como saber absoluto. Em sua relação com a vida, o autor evidencia o quão danoso pode ser o excesso de história. Isso porque a felicidade, ou parte dela, constitui-se com certa

dose de esquecimento que conduz todo agir. Nesse caso, é necessária uma parte luminosa e outra escura, sendo inteiramente impossível viver sem esquecimento.

A despeito da ideia de uma verdade absoluta da história, emergem, em contextos de exceção, possibilidades interpretativas advindas da memória e do testemunho. Presenciar um fato trágico e, mais do que isso, sobreviver a ele e transmiti-lo para a posteridade torna-se fundamental para a construção da própria história. É por meio dessa elaboração via linguagem que a história é repensada (Muñoz, 2010). Nota-se que, aqui, não se trata mais de um documento escrito, aos moldes do gosto oitocentista, mas sim a palavra de um sobrevivente. Portadora do sucedido, a linguagem ganha a força de testemunho, que, simbolicamente rearranjado, torna-se uma resistência contra o esquecimento.

Interpretando *A Odisseia*, Gagnebin (2013) conclui que a memória é uma forma de manter, nos vivos, as lembranças dos feitos dos mortos. As aventuras de Ulisses não teriam importância se ele não fosse um bom narrador, nesse sentido, a língua é portadora da sobrevivência. Todas as experiências vivenciadas por Ulisses teriam desaparecido se ele não fosse também um bom narrador; tudo seria esquecido sem a elaboração das vivências via linguagem.

Quando trazemos essa perspectiva para o contexto das catástrofes do século XX, evidencia-se a dimensão da língua como sobrevivente. Para Seligmann-Silva: “a língua é sobrevivente da catástrofe e é a única que porta tanto o ocorrido como a possibilidade de trazê-lo para o nosso agora” (Seligmann-Silva, 2003, p. 398). A língua, nesse sentido, retém o ocorrido, podendo retomá-lo no presente. Não se trata, evidentemente, de uma retomada do acontecimento tal e qual em situações-limite, nas quais a morte se sobrepõe a todas as vontades. Trata-se da ressignificação do fato capaz de garantir a sobrevivência do sujeito.

Qual seria, no entanto, a especificidade de *Nocturno do Chile* (2000)? A obra traz um narrador que vivencia o cenário ditatorial chileno nos anos 1970 e 1980. Sua plataforma de homem de letras o credencia enquanto sujeito apto a veicular a linguagem, permitindo não uma versão fechada e definitiva do passado, mas novos caminhos interpretativos. Assim, figuraria como testemunho das violências de Estado, portador de memórias fundamentais para uma releitura do passado, opondo-se à ideia de objetividade que impede qualquer diálogo.

A noção de língua como sobrevivente é, no entanto, quebrada por suas omissões, que emergem como obstáculo, colocando em xeque a veiculação da memória e do testemunho, num momento em que as memórias se mostram fundamentais. Adiante, observa-se, a partir da leitura de Grínor Rojo (2016), a ideia de “ridículo espantoso” e como a narrativa de Roberto Bolaño constitui-se em uma provocação para o tempo presente, ao recordar que, a despeito das memórias veiculadas, há silenciamentos que comprometem a construção democrática.

## O “ridículo espantoso” em *Nocturno em Chile*: das omissões à febre

Refletir sobre a produção literária de Roberto Bolaño e os posteriores acréscimos da crítica é uma forma de agregar novas possibilidades interpretativas à história. Reinterpretar o passado por esse viés é confrontá-lo. Se, por um lado, há um dever da memória e do testemunho em uma era de catástrofes, ou mesmo uma necessidade de se rememorar para não se repetir, o que dizer sobre as omissões? *Nocturno do Chile* (2000) é o relato desenfreado, numa noite febril, de um narrador cuja vida é marcada pelo silenciamento diante das violências.

Refletido por Grínor Rojo (2016), o “ridículo espantoso” é o assunto que Roberto Bolaño traz em mãos: as revelações feitas pelo padre Sebastián Urrutia Lacroix se referem tanto a ele mesmo quanto ao: “funcionamento do campo literário e cultural chileno desde o final da década de cinquenta do século passado até os primeiros anos da pós-ditadura” (Rojo, 2016, p. 170).<sup>1</sup> A narrativa se desenvolve em grandes segmentos: do final dos anos 1950 até 1970; de 1970 a 1973; de 1973 até 1989; e de 1989 até o presente da enunciação, adentrando o novo milênio. Sebastián propõe buscar, nos espaços mais escondidos de sua memória, recordações de atos capazes de justificá-lo: “voltarei a buscar no âmbito das recordações aqueles atos que me justificam e que, portanto, desdizem as infâmias que o jovem envelhecido espalhou em meu descrédito em uma noite tempestuosa” (Bolaño, 2000, p. 11, tradução própria).<sup>2</sup>

Essas memórias, antes prescindidas, retornam em forma de fantasmas para atingir Sebastián na entrada do novo milênio, num contexto pós-ditadura. As imagens do jovem envelhecido e do juiz de si mesmo representam uma duplicidade hipócrita, no sentido de se afirmar aquilo que não se é e aparentar fazer o que não se faz. No desenrolar da noite, o personagem vai de um estado febril até uma completa serenidade. Trata-se, no entanto, de uma paródia de expurgação, na qual o padre acredita estar morrendo, ou mesmo expurgando suas infâmias, fruto de seus silenciamentos ao longo da segunda metade do século XX, período de avanços do socialismo e do capitalismo.

Em *As Américas e a civilização* (2007),<sup>3</sup> Darcy Ribeiro mostra que a experiência socialista funcionava em lugares em que o capitalismo fracassara, de forma que, para as nações em desenvolvimento, a velocidade do crescimento industrial dos países socialistas tornou-se um atrativo.

No Chile, a experiência concebida pela Unidade Popular – no governo de Salvador Allende – não propunha formar uma sociedade com base nas cinzas do capitalismo, mas sim oferecer uma via de transição ao socialismo que envolvia, dentre outros fatores, o fim do desemprego, o aumento do padrão de vida das camadas mais vulneráveis, a intensificação da reforma agrária, bem como a recuperação das riquezas nacionais, sobretudo o cobre, há muito em mãos estrangeiras.

Em “O exílio chileno de Mário Pedrosa: solidariedade, arte popular e vocação comunitária” (2021), a historiadora Luiza Mader Paladino salienta que Salvador Allende procurou um governo de transição com amplo apoio da base popular. Nesse processo, visava à incorporação das populações de baixa renda à vida econômica do país.

A influência imperialista é também referida por Ricardo Mendes (2013), segundo o qual: “a Casa Branca já estava por apoiar com verbas significativas as candidaturas presidenciais de centro e de direita desde 1964” (Mendes, 2013, p. 182), intervenção intensificada desde a posse de Salvador Allende.

A ditadura civil-militar no Chile é comumente dividida em três fases, segundo os informes *Retting e Valech*, citados em *O golpe de Estado e a primeira fase no Chile* (2012), estudo de Sílvia Sônia Simões a respeito dos primeiros anos da ditadura chilena. A primeira fase se dá entre setembro e dezembro de 1973 e se constitui num momento de consolidação do regime. Marcam esse momento as prisões e fuzilamentos e uma ausência de organização propriamente dita.

<sup>1</sup> “funcionamiento del campo literario y cultural chileno desde finales de la década de cincuenta del siglo pasado hasta los primeros años de la postdictadura”.

<sup>2</sup> “Rebuscaré en el rincón de los recuerdos aquellos actos que me justifican y que por lo tanto desdizen las infamias que el joven envejecido ha esparcido en mi descrédito en una sola noche relampagueante”.

<sup>3</sup> A primeira edição brasileira é de 1970, *Civilização Brasileira*. Para este artigo, utilizo a edição de 2007.

O segundo momento, situado entre janeiro de 1974 a agosto de 1977, é marcado pela atuação da DINA (Dirección de Inteligencia Nacional), uma unidade da polícia secreta que se transformou no braço repressor de Pinochet. Com ela, surgem mecanismos mais aprimorados de tortura, bem como os centros clandestinos de detenção. Por sua vez, o terceiro período, de setembro de 1977 a março de 1990, é marcado pelo uso da tortura de forma mais seletiva e não tão indiscriminado como no segundo momento.

Tal divisão, no entanto, traz diferentes situações de um período marcado pela violência de Estado. Em todos eles, violências e abusos resultaram em torturados, mortos, desaparecidos e exilados. Silvia Sônia Simões (2013) observa que o onze de setembro chileno marca o fim da primeira experiência socialista democrática no mundo. Seu encerramento se deu de forma extremamente violenta, “com a morte do presidente dentro do Palácio *La Moneda* diante de um bombardeio encaminhado pelas forças lideradas pelo General Augusto Pinochet” (Simões, 2013, p. 13).

O período anterior a 1973, no entanto era percebido como um espaço de possibilidades. É o que destaca o documentário “*La flaca Alejandra: vidas y muertes de una mujer chilena*”, da cineasta Carmen Castillo. Há, de fato, uma sensação de segurança, em que um futuro democrático se delineia de forma evidente. Naquele momento, o país se torna um refúgio para exilados políticos, espaço de uma democracia vista como sólida. Tanto que, em *La casa de los espíritus* (2006), Isabel Allende, refere-se ao onze de setembro de 1973 como um evento a princípio percebido como passageiro. Supunha-se uma tomada temporária de poder pelos militares como medida de segurança, mas este mesmo poder logo seria devolvido ao povo. O mesmo é observado por Heraldo Muñoz. A crença do Chile em sua democracia era tanta que não se supunha a possibilidade de uma ditadura. Além disso, os vizinhos, imersos em regimes autoritários, eram vistos como “repúblicas de banana” (Muñoz, 2010, p. 49). Não é, no entanto, o que se observa nos anos seguintes, marcados pelo cerceamento dos direitos do cidadão, censura, violências, torturas e assassinatos.

É nesse cenário que o padre Sebastián se encontra inserido. Em seu “estado febril”, confessa ter ainda forças para recordar, embora destaque a fragilidade de suas memórias. Expressões como “pobre memória” ou “poços cegos da memória” flertam com silenciamentos e omissões:

Você tem a obrigação moral de ser responsável por seus atos e também por suas palavras, inclusive por seus silêncios, sim, por seus silêncios, porque os silêncios também ascendem ao céu e Deus os ouve, e só Deus os compreende e os julga, de modo que muito cuidado com os silêncios (Bolaño, 2000, p. 6).<sup>4</sup>

Há uma contraposição entre o sujeito moral responsável por seus atos e palavras e o homem omissivo diante da violência. Estabelece-se, aqui, um embate moral entre o sujeito que muito viu e presenciou ao longo dos anos e o padre que, ao silenciar, sabe-se omissivo não apenas perante Deus, mas também frente a toda a sociedade. A covardia do silêncio perante eventos que se desdobram ao longo do cotidiano se acumula ao longo do tempo. Tanto que, no momento de sua febre (o presente da enunciação), ele se converte em “juiz de sua própria covardia, de uma traição cuja primeira vítima não é ninguém além dele mesmo e, a partir daí,

<sup>4</sup> “Uno tiene la obligación moral de ser responsable de sus actos y también de sus palabras e incluso de sus silencios, sí, de sus silencios, porque también los silencios ascienden al cielo y los oye Dios y sólo Dios los comprende y los juzga, así que mucho cuidado con los silencios”.

se estende à vitimização dos demais” (Rojo, 2016, p. 177).<sup>5</sup> Uma covardia que diz respeito não apenas ao padre perante sua consciência ou diante de Deus, mas sim a toda uma sociedade, historicamente implicada em um cenário de horror.

Crítico literário reconhecido, Sebastián figura o intelectual silencioso, incapaz de se opor ao poder com o qual tem contato direto, chegando mesmo a colocar seus conhecimentos a serviço dos agentes da opressão. Este representa, para Rojo (2016) o paroxismo do ridículo, quando o padre se torna, por uma semana e meia, professor de marxismo dos integrantes da junta militar do onze de setembro chileno. O quadro se abre com uma saída teatral da junta chilena, seguida do curso ministrado vigorosamente pelo intelectual. Trata-se de um estudo detalhado a respeito do *Manifesto comunista*, o *Dezoito Brumário*, de Luís Bonaparte, passando por um resumo de *O Capital*, bem como obras de Lenin e Mao, além, e sobretudo, dos conceitos elementares do materialismo histórico.

O quadro *ridículo* é elevado ao seu ponto máximo quando Pinochet, falando à parte com o narrador, coloca-se como homem de cultura e autor especializado, comparando-se a seus predecessores, Alessandri e Allende, de produção inexistente, afirmando que ambos apenas fingiam ler:

Então o general me disse: quantos livros acredita que escrevi? Fiquei gelado, disse a Farewell. Não tinha ideia. Três ou quatro, disse Farewell com segurança. Em todo caso, eu não sabia. E tive que admitir. Três, disse o general. Ocorre que sempre publiquei em editoras pouco conhecidas ou em editoras especializadas [...] Que notícia mais surpreendente, que notícia boa, disse. Bom, são livros militares, de história militar, de geopolítica, assuntos que não interessam a nenhum leigo na matéria. É fantástico, três livros disse com voz quebrada. E incontáveis artigos que publiquei, inclusive em revistas norte americanas, traduzidos ao inglês, claro. Com que prazer leria alguns de seus livros, meu general, sussurrei. Vá à Biblioteca Nacional, estão todos lá. Amanhã mesmo penso fazê-lo sem falta, disse (Bolaño, 2000, p. 117).<sup>6</sup>

Pinochet se apresenta perante Sebastian como um intelectual e autor de livros e artigos. A justificativa para o desconhecimento de sua produção é a alta especialização de seus conteúdos, publicados em revistas desconhecidas e distantes dos leigos. Três livros e incontáveis artigos, alguns presentes em revistas estadunidenses e traduzidos do inglês. Para Rojo, todos os ingredientes do ridículo estão aí presentes, sobretudo na satisfação do ditador ao se declarar um intelectual, um crítico importante das letras nacionais as quais o narrador promete pesquisar e ler.

Ao mesmo tempo ridículo, esse quadro é, também, espantoso, pois é montado sobre um pano de fundo de horror – a ditadura chilena:

<sup>5</sup> “[...] juez de su propia cobardía, de una traición cuya primera víctima no es otro que él mismo y que desde ahí se extiende a la victimización de los demás”.

<sup>6</sup> “Y entonces el general me dijo: ¿cuántos libros cree que he escrito yo? Me quedé helado, le dije a Farewell. No tenía ni idea. Tres o cuatro, dijo Farewell con seguridad. En cualquier caso yo no lo sabía. Y tuve que admitirlo. Tres, dijo el general. Lo que pasa es que siempre he publicado en editoriales poco conocidas o en editoriales especializadas. Pero beba su té, padre, se le va a enfriar. Qué noticia más sorprendente, qué noticia más buena, dije. Bueno, son libros militares, de historia militar, de geopolítica, asuntos que no interesan a ningún lego en la materia. Es fantástico, tres libros dije con voz quebrada. E innumerables artículos que he publicado incluso en revistas norteamericanas, traducidos al inglés, por supuesto. Con qué gusto leería alguno de sus libros, mi general, susurré. Vaya a la Biblioteca Nacional, allí están todos. Mañana mismo lo pienso hacer sin falta, dije”.

[...] o *ridículo* a que me refiro é também um *ridículo espantoso*, segundo o esclarecimento de Bolaño. E ocorre porque toda essa dignidade pomposa e condecorada, toda essa fatuidade absurda e irrisória, está montada, em *Nocturno do Chile*, sobre um fundo de horror (Rojo, 2016, p. 175, grifo próprio).<sup>7</sup>

Não se trata de uma simples situação risível, na qual Pinochet figura, perante o narrador ilustrado, como produtor cultural. O fundamento de horror no qual as ações se processam confere a dimensão de *espantoso* da narrativa. O que traz uma aparência de civilização, produção intelectual e cultura especializada é, na realidade, barbárie. Assim, para além do ridículo risível, tem-se o caráter espantoso dessa estética. As máquinas do horror funcionam por debaixo do riso.

Desde o início, o narrador se mostra atormentado por seus próprios silêncios e omissões. Seu estado febril atesta uma busca de redenção. Muito precisa ser dito, pois tudo foi silenciado. Para Rojo (2016), o sujeito da enunciação se torna, além de juiz de sua própria covardia, um jovem envelhecido. Evidencia-se, aqui, a figura do duplo, presente no conto de Jorge Luis Borges. No conto, um professor, já velho, se encontra com seu eu da juventude em um banco de praça. Ali o jovem o acusa de abandonar seus princípios políticos e estéticos do passado.

O jovem envelhecido de Bolaño é a paródia do sujeito febril, atormentado em um período pós-ditatorial. A postura omissa do narrador não representa um caso isolado, mas aponta também para um silenciamento coletivo. No documentário “*La flaca Alejandra: vidas y muertes de una mujer chilena*”,<sup>8</sup> Carmen Castillo discorre sobre uma amnésia que, em 1993, assola o Chile. Há um grande silêncio acerca da ditadura civil-militar e dos crimes cometidos por seus responsáveis. Mesmo em um momento de redemocratização, permanece o mistério sobre pessoas desaparecidas, assim como a impunidade de sujeitos ainda em cargos de relevância. No documentário, Carmen indaga onde se teria perdido a história, posto que os crimes são inegáveis. Sem justiça e verdade, não se pode conceber a reconciliação ou mesmo a construção democrática. Há ainda fantasmas do passado que continuam atormentando e que só serão dispersos na presença da verdade.

O mesmo tema aparece em *La casa de los espíritus*, de Isabel Allende, romance no qual a narradora – torturada e, posteriormente, libertada – discorre sobre a tortura. Nele, o espírito de sua avó (Clara) surge no espaço da prisão e lhe sugere a escrita como forma de testemunho:

sugeriu-lhe que escrevesse um testemunho que algum dia poderia servir para trazer à luz o terrível segredo que estava vivendo, para que o mundo se inteirasse do horror que ocorria paralelamente à existência aprazível e ordenada dos que não queriam saber, dos que podiam ter a ilusão de uma vida normal [...] ignorando, apesar de todas as evidências, que a poucas quadras de seu mundo feliz estavam os outros, os que sobrevivem ou morrem no lado escuro (Allende, 2006, p. 434, tradução própria).<sup>9</sup>

<sup>7</sup> “[...] el ridículo al que ahora me estoy refiriendo es también un ridículo «espantoso», según la aclaración de Bolaño. Y lo es porque toda esta pretensión, toda esta dignidad engalonada y condecorada, toda esta fatuidad absurda e irrisoria, está montada en Nocturno de Chile sobre un fondo de horror. La duplicidad hipócrita es también, en estas circunstancias, una duplicidad escalofriante”.

<sup>8</sup> Para mais informações, ver: [https://www.youtube.com/watch?v=VGTdXuaynlM&ab\\_channel=plucelamelapela](https://www.youtube.com/watch?v=VGTdXuaynlM&ab_channel=plucelamelapela).

<sup>9</sup> “Le sugirió, además, que escribiera un testimonio que algún día podría servir para sacar a la luz. el terrible secreto que estaba viviendo, para que el mundo se enterara del horror que ocurría paralelamente a la existencia apacible y ordenada de los que no querían saber, de los que podían tener la ilusión de una vida normal [...] ignorando, a pesar de todas las evidencias, que a pocas cuadras de su mundo feliz estaban los otros, los que sobreviven o mueren en el lado oscuro”.



“Existência aprazível” vivida pelo padre Sebastián, de *Nocturno do Chile* (2000). Para Rojo, ele é “inteiramente capaz de se sobrepor aos seus escrúpulos e colaborar com os generais mesmo sabendo do uso que farão dos conhecimentos que lhes transmite” (Rojo, 2016, p. 180).<sup>10</sup> A “ilusão de uma vida normal” se evidencia em seu cotidiano. Homem de letras, ele assiste aos saraus de María Canales quando, no andar inferior, um prisioneiro é torturado com eletricidade. Sua consciência do que ocorria era plena, mas suas omissões davam vazão ao seu cotidiano aprazível. Em sua noite febril, referindo-se aos saraus e à percepção da luz enfraquecida, o padre afirma: “[...] achava curioso nunca ter aparecido uma patrulha de carabineiros ou da polícia militar, apesar da algaravia e das luzes da casa” (Bolaño, 2000, p. 135).<sup>11</sup> O ridículo ganha mais evidência na ingenuidade confessada do intelectual: “Eu podia ter dito algo, mas nada vi, de nada soube até que foi demasiado tarde” (Bolaño, 2000, p. 142).<sup>12</sup>

Para Rojo (2016), é um personagem duplo, já que sua ingenuidade (ou sua má fé) é também falsa ingenuidade, que, por sua vez, aponta para uma cultura pública. Sua trajetória e posterior febre no cenário pós-ditadura funciona como uma metáfora para o silenciamento coletivo – uma amnésia coletiva, nos dizeres de Carmen Castillo –, que emerge como desafio e grande entrave para a transição democrática.

Para além do Chile, esse silenciamento coletivo se faz presente em um cenário de exceção. Herbert Daniel, militante brasileiro exilado na França nos anos 1970, percebe, em seu romance *Passagem para o próximo sonho* (1982), uma abstenção da maioria, não por ignorância, mas por escolha. Para ele, os motivos para o insucesso das tentativas da militância, o “X da questão”, está não nos equívocos ou fracasso dos poucos que tentaram algo (muitos com a vida perdida), mas sim na vida dos muitos que permaneceram na indiferença. Paralelamente às rebeliões, houve também silêncios, muitas vezes resultados de escolhas.

Tais escolhas, no Chile, se estendem para além do cenário ditatorial. A amnésia coletiva representa uma traição ao desejo de Salvador Allende no momento do bombardeio ao *la Moneda*. Situação na qual incumbe Joan Garcés, seu assessor, da responsabilidade de se sobreviver diante do horror para passar adiante eventos que não devem ser esquecidos (Muñoz, 2010).

Em um cenário das catástrofes do século XX, a dimensão sobrevivente da língua Seligmann-Silva (2003) é traída por conta do silenciamento. Além disso, em nossa condição de mortais, conforme observa Gagnebin (2013), o cuidado da memória dos mortos para os vivos de hoje é abortada na força das omissões.

Não é por nada que, em *Nocturno do Chile*, há a imagem da “árvore de Judas”. Ao mesmo tempo o sonho particular de Sebastián, a árvore é projetada para a coletividade: “o Chile inteiro tinha se convertido na árvore de Judas, uma árvore sem folhas, aparentemente morta, mas ainda bem enraizada na terra negra, nossa fértil terra negra em que as minhocas medem quarenta centímetros” (Bolaño, 2000, p. 183).<sup>13</sup>

Referência ao suicídio de Judas Iscariotes após a traição a Cristo, a árvore é símbolo da traição coletiva marcada pelas omissões frente à violência e pelo não enfrentamento do passado.

<sup>10</sup> “[...] enteramente capaz de sobreponerse a esos escrúpulos y de colaborar con los generales a sabiendas del uso que ellos van a darles a los conocimientos que les imparte”.

<sup>11</sup> “Pensaba que era curioso que nunca apareciera una patrulla de los carabineros o de la policía militar, pese a la algarabía y a las luces de la casa”.

<sup>12</sup> “Yo hubiera podido decir algo, pero yo nada vi, nada supe hasta que fue demasiado tarde”.

<sup>13</sup> “Chile entero se había convertido en el árbol de Judas, un árbol sin hojas, aparentemente muerto, pero bien enraizado todavía en la tierra negra, nuestra fértil tierra negra en donde los gusanos miden cuarenta centímetros”.

Para Rojo: “é um sonho do cura, mas o desassossego que o alimenta e o desborda não é outro que o de sua culpabilidade e como metáfora de uma culpabilidade coletiva (Rojo, 2016, p. 184).<sup>14</sup>

O sentimento de desilusão e crítica paródica e irônica, porém não menos dolorido, é a espinha dorsal que sustenta a totalidade do romance. O padre herdou uma ordem de coisas que o tornou crítico supremo das letras e da cultura nacional até 1970. Entre este ano e 1973, houve um espaço temporal que o despojou dessa posição; por isso, ele se refugiava nos clássicos gregos. A ditadura, por sua vez, a partir de 1973, o restaurou ao seu lugar de privilégio. A “*tormenta de mierda*”, referida no último (e segundo) parágrafo seria a própria voz de Bolaño. Rojo arremata, afirmando: “Eis aí, pois, de corpo inteiro, nosso ‘ridículo’ e ainda ‘espantoso’ presente” (Rojo, 2016, p. 185).<sup>15</sup>

## Considerações finais

Como pensar em políticas contra o esquecimento na atualidade? Na base de todo negacionismo encontra-se não o esquecimento propriamente dito, mas a supressão e manipulação das memórias. Nesse cenário, a omissão se mostra como problema, na medida em que enseja possíveis manipulações perpetradas pelo poder. *Noturno do Chile* (2000) lembra que a omissão existiu e ainda perdura.

Para Lilia Moritz Schwarcz, se a história é feita de encadeamentos de eventos que apontam para transformações relevantes, ao mesmo tempo, é repleta de “lacunas, realces e invisibilidades, persistências e esquecimentos”. Mas esse mesmo passado não revisto e devidamente confrontado “vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo” (Schwarcz, 2019, p. 223). Uma vez ignoradas, as questões do passado (no caso em questão, o autoritarismo e a violência de Estado) constituem-se em entraves para a construção democrática no presente. Um passado não enfrentado retorna como fantasma, desaguardo em noites febris, não apenas do ponto de vista individual, mas também coletivo.

Essa imagem é delineada pelo romance de Roberto Bolaño na figura de um narrador omissivo ao longo de sua trajetória, porém em estado febril em um cenário pós-ditadura. Ao mesmo tempo intelectual de relevância, se mostra como um ingênuo incapaz de perceber os eventos em seu entorno. O ridículo espantoso, segundo Grinor Rojo (2016), consiste nesse duplo, no qual o maior crítico das letras diante dos eventos de horror, porém silencioso perante o mundo. O “espantoso”, por sua vez, reside no pano de fundo de violência, no qual a democracia submerge em favor do autoritarismo.

A figura “traidora” do narrador metaforiza também uma traição coletiva, pautada pelo silenciamento. Cinquenta anos após o onze de setembro chileno, e num cenário de ascensão da ultra direita, a narrativa de Roberto Bolaño continua a nos provocar, demandando políticas da memória, contra qualquer tipo de negacionismo, manipulação ou pretensão de verdade absoluta capaz de cauterizar o pensamento e gerar fanatismos. Sem tais políticas, incorre-se no risco de não apenas uma, mas de incontáveis noites febris.

<sup>14</sup> “[...] es un sueño del cura, pero el desasosiego que lo alimenta y lo desborda no es otro que el de la culpabilidad y como metáfora cierta de una culpabilidad colectiva”.

<sup>15</sup> “He ahí pues, de cuerpo entero, nuestro ‘ridículo’ y todavía ‘espantoso’ presente”.

Tal como um *Don Quixote*, que, segundo Rojo (2016), continua entregando sentido, a obra de Roberto Bolaño assim procede, provocando e ensejando, no presente, acréscimos, reflexões e entendimentos acerca de um passado que não pode ser esquecido.

## Referências

- ALLENDE, Isabel. *La casa de los espíritus*. 7. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.
- BOLAÑO, Roberto. *Nocturno en Chile*. Barcelona: Anagrama, 2000.
- FRANCO, Renato. Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 1970. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 351-369.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MENDES, Ricardo A. S. 40 Anos do 11 de Setembro: o golpe militar no Chile. *Revista Estudos Políticos*, n. 7, p. 172-190, 2013.
- MUÑOZ, Heraldo. *A sombra do ditador: memórias políticas do Chile sob Pinochet*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. In: *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Candido. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 273-287. (Coleção Os Pensadores).
- RICCEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- PALADINO, Luiza Mader. O exílio chileno de Mário Pedrosa: solidariedade, arte popular e vocação comunitária. *MODOS: Revista de História da Arte*, Campinas, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 14-31, 2021. DOI: 1020396/modos.v5i1.8663905. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/mod/article/view/8663905>. Acesso em: 22 dez. 2022.
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ROJO, Grínor. *Las novelas de la dictadura y la postdictadura chilena: quince ensayos críticos*. Santiago: LOM ediciones, 2016.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SIMÕES, Silvia Sônia. O golpe de Estado e a primeira fase da Ditadura militar no Chile. *Espaço Plural*, v. XIII, n. 27, p. 195-213, 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=445944369014>. Acesso em: 21 set. 2022.
- TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Barcelona: Ediciones Paidós, 2008.